ANO 2.º LISBOA--TERÇA-FEIRA, 3 DE OUTUBRO DE 1922 N.º 459

Diario de Lisboa

Numero avulso: 10 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUIZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 116

O *DIARIO DE LISBOA*, guiado pelo instinto da conservação, para poder resistir á gravissima crise que atravessam todas as empresas de edição, vê-se obrigado a aumentar o seu preço de venda e assinatura.

Até hoje vivemos com o favor do publico e um sistema de economias que só se explica, se dissermos que os serviços da nossa administração, como aproveitamento e emprego de receitas, são modelares.

Mesmo com sacrificio, desejariamos manter-nos em plena simpatia com os nossos leitores, sem apelarmos para uma medida salvadora que a ninguem pesa mais que a nós proprios.

Mas de que serve todo o nosso desinteresse, se o aumento de despesas a que agora somos obrigados não nos impediria de morrermos?

Os factos teem uma logica que não respeita sentimentos. O extraordinario encarecimento do papel, derivado da queda continua do cambio, e o agravamento da crise das subsistencias, que importa uma elevação de salarios, não nos consentem que prolonguemos por mais tempo uma situação com que os nossos ombros não podem.

Não queremos que o nosso esforço seja para nós uma fonte de lucros. Só pretendemos isto—viver. Um jornal não é artigo de primeira necessidade, por isso os que nele trabalham ou nele arriscam os seus capitais sabem perfeitamente que não podem, por emquanto, beneficiar da aura que favorece os que exploram comercios e industrias necessarios á satisfação de necessidades materiais.

Sugeitamo-nos, portanto, a todas as inclemencias do nosso destino.

Que os nossos leitores ao menos creiam que não visamos grandezas. O nosso proposito é modestissimo, sem que daí se infira que não tem a sua nobreza.

O *Diario de Lisboa*, desde o seu apparecimento, propoz-se ser um elemento de concordia e de educação, no meio da tormenta politica, social e economica em que andamos. Entre gostos e desgostos, tem procurado cumprir a sua missão. E' natural que alguma vez tenha errado, mas a sinceridade com que reconhecerá sempre os seus erros não faz dele um elemento atrabiliario de desordem.

O seu intuito é puramente patriotico. Não se encontra escravisado a interesses nem sectarismos.

Se os seus leitores entenderem que o devem proteger, nesta hora dificil, angustiosa mesmo, evitando que desapareça, é sinal de que aceitam a honestidade desta explicação. Tanto bastará para que o *Diario de Lisboa* se sinta desvanecido e orgulhoso na realização do seu programa, de tão bela inspiração nacionalista, aguardando confiado os dias em que possa reduzir o seu preço, oferecendo aos seus leitores em braçados de rosas o que hoje pede com muito cansaço e alguns espinhos no seu animo. Assim seja!

* * *

O sr. Lafayette de Carvalho e Silva, novo encarregado dos negocios do Brasil em Lisboa, acompanhado pelo sr. Macedo Soares, secretario da embaixada, esteve no *Diario de Lisboa* a apresentar os seus cumprimentos, gentileza que muito nos penhorou.

* * *

FOI ordenado que o «destroyer» «Guadiana» siga do Funchal para Ponta Delgada, a fim de substituir o «destroyer» «Douro», que deve regressar ao Tejo.

O DESCREDITO

Alguns jornais espanhois publicam telegramas de Vigo, noticiando que nova revolução se prepara em Portugal, para derrubar o actual governo ou alguma coisa mais solido que êle.

Taia informações, naturalmente, pecam por exageradas, visto que todas as agencias tendem antes para avolumar que para diminuir os acontecimentos.

Nós é que deviamos esforçar-nos não só para combater no estrangeiro as falsidades que interesses inconfessaveis espalham para nos desacreditar, mas adotando, dentro de fronteiras — neste coração do país que é Lisboa — úma atitude de paz, trabalho e patriotismo que não desse ocasião aos boatos alarmantes que depois voam por esse mundo de Cristo como estorninhos.

Se não houvesse, entre nós, uma inabalavel tendencia para a desordem, de que se aproveitam habilmente os perturbadores categorizados do sossego publico, debalde a imprensa dos outros paises buscaria materia para as suas atoardas.

E' ou não verdade que, neste momento, todos nós falamos dum movimento militar, cujo rompimento se anuncia quasi com hora marcada?

Sendo assim — e não reputamos facil sustentar o contrario — para que nos mostramos tão ofendidos com os telegramas expedidos de Vigo?

E' facto que neles se avulta e dá corpo ao que em Lisboa é sómente perspectiva, se bem que prestes a ser mais alguma coisa, se o bom senso e a disciplina não fizerem valer os seus direitos . . .

A culpa, porém, é toda nossa, que fornecemos pasto á maledicencia internacional.

Desde que cada um de nós, escudados na lei, se limite ao exercicio dos seus direitos e ao cumprimento dos seus deveres, o pantano em que nos envenenamos pnrificar-se-ha, como que por milagre.

Ha ainda portugueses que nunca conspiraram, sem que de tal omissão se possa deduzir que eles serviram mal o seu país.

A Republica defende-se dos seus adversarios, ainda os mais irredutiveis, com actos de governo, medidas inteligentes e um espirito de justiça que ninguem consiga acusar de parcial ou intolerante.

Sinta o povo que os poderes do Estado o protegem, garantindo-lhe o gozo pacifico das suas liberdades, que logo o problema da ordem achará as soluções de que carece.

O que se nos afigura inadmissivel é que o regime republicano, essencialmente popular, se converta em campo de explorações para individuos e tribus sem escrupulos.

ROSSIO PITORESCO

ou o caminho mais curto para a outra vida, com passagem de graça pela Cruz Vermelha

SEGUNDO os artigos 44.º, 45.º e 46.º da nova lei de finanças, na parte respeitante á aplicação de capitais, todos os titulos estrangeiros teem de pagar, na Casa da Moeda, como imposto de selo, 2 o|o do seu valor nominal, calculado pelo cambio do mês anterior ás da sua apresentação, em referencia á moeda mais valorizada.

Isto é já por si uma carga razoavel que não pode deixar de ter a sua acção sobre as transações de que venham a ser objecto,

Mas ha mais: a Casa da Moeda encontra-se tão mal apetrechada para esta operação de selagem que não nos espantamos, se os titulos por lá se demorarem um ou mais meses, o que não é já sem exemplo. Durante este tempo, o seu proprietario ou portador não poderá dispor deles: é como se fossem coisa morta.

Outro inconveniente: a revelação do nome do proprietario ou portador, inutilizando-se assim uma das vantagens mais apreciaveis de certos titulos. Ainda ha mais isto: na venda ou desconto dos *coupons*, que, como se sabe, só podem ser feitos pelos Bancos autorizados para a industria de compra e venda de cambiais, opera-se imediatamente uma redução de 10 o|o a favor do Estado.

Querem os leitores saber qual o resultado de semelhante rigor?

O envio clandestino para o estrangeiro de todos os titulos nestas condições desfavoraveis. E' possivel que não fique um só...

Todavia, se o parlamento não procedesse inconsideradamente, em assunto tão melindroso, tudo se poderia evitar. Com a nova legislação, vai desaparecer mais um pequeno caudal de oiro. Não poderia o sr. ministro das Finanças tomar uma decisão que impeça tamanho mal, a fim de que, apenas abram as camaras, estas modifiquem ou revoguem os fatais artigos citados?

* * *

UM jornal alemão publicou a seguinte anedocta, que é uma engraçada *charge* á desvalorisação da moeda de alguns paises:

Foi no fim da Conferencia de Genova. Os delegados das diferentes nações saldaram as contas com os hoteleiros. Uns em notas, outros em ouro, alguns em cheques.

Chegou a vez do delegado austriaco. Sacou do bolso uns três ou quatro impressos de côres variadas. O hoteleiro:

—Que é isso?

—São os conhecimentos de dois vagons de coroas austriacas.

Por fim, veiu Tchitcherine, o delegado dos soviets.

Trazia um embrulho que entregou ao dono do hotel. Espanto do homemsinho. Tchitcherine apressou-se a esclarecer:

—E' um cunho para o senhor fazer toda a moeda russa que quizer.

Tableau.

* * *

O sr. ministro do Trabalho louvou o sr. Alberto da Cruz pela competencia, espirito de justiça, imparcialidade e bem orientado criterio com que se houve na sindicancia aos actos da comissão administrativa do Hospital de D. Leonor, nas Caldas da Rainha.

* * *

Á empreza do Teatro Avenida agradecemos a gentileza que teve para com o *Diario de Lisboa* marcando-lhe um *fauteuil* cativo naquele teatro. São tão raras as atenções que os teatros têm para com os jornais que não queremos deixar passar este facto sem um registo especial.

Pelo "sport"

JUNTO DAS REDES

Bemfica vence Marítimo

Como estava anunciado, efectuou-se ante-hontem em Palhavã um desafio de «association» entre o Sport Lisboa e Bemfica e o Marítimo, da Madeira. O grupo visitante apresentou-se fraco. Estranhou o campo e esteve a estudá-lo. A' medida que o tempo passava, ia assentando jogo. De resto, estiveram infelizes, inferiores á sua fórma.

O desafio de ante-hontem foi mais propriamente um treino do que um «match» em fórma.

* * *

O Bemfica entra em campo. Os homens do Marítimo, que o haviam precedido, recebem-no com palmas. O gesto agrada.

Nenhum vento. Bastante calor. O arbitro, Candido de Oliveira, dá o silvo de saída.

4 minutos de jogo. Um centro de Simões, rematado por uma bela cabeça de Ribeiro origina o 1.º «goal» do Bemfica.

O Bemfica aquece; avança novamente. «Off side».

O meia esquerda do Marítimo tem um remate forte que bate na trave. Os visitantes ressentem-se da diferença do campo. Os seus «half-backs» fazem sair muitas bolas pelas cabeceiras. Durante 2 minutos os avançados do Marítimo instalam-se nos 18 metros adversarios e fazem um bombardeamento, mas sem resultado. Herculano tem ocasião de brilhar.

O Bemfica reage. Um bom centro de Alberto é rematado por Simões com uma cabeça. A bola passa rente sobre a trave.

Os vermelhos recomeçam. Alberto e Simões fazem um «association» rapido, desnorteador, rematado por Alberto. E' o 2.º «goal». Ovação.

A aza esquerda do Bemfica repete o jogo anterior. E' Simões que remata. O guarda rédes defende.

Numa bela avançada dos encarnados um dos «backs» do Bemfica falha. Simões remata regularmente. Goal.

Alberto está felicissimo, numa fórma esplendida, enganando admiravelmente, com um perfeito dominio sôbre a bola. De resto, toda a linha avançada do Bemfica está admiravel, com combinação e remate.

Ha um «freekick» contra o Marítimo no limite dos 18 metros. Victor marca para fóra. Uns pontapés mais. «Half-time».

* * *

A segunda parte foi monotona. O Bemfica, á vontade, fez o que quiz, não procurando marcar.

Crespo mete um «goal» de pouco valor.

Uma avançada vermelha termina dum modo curioso. E' a bola que mete um «goal», ficando á porta e atirando Crespo para dentro das rédes.

O «forward centro» do Marítimo tem uma avançada isolada. Vicira defende bem.

Finalmente, num ataque bem conduzido, o Marítimo consegue a sua primeira e unica bola.

Dai em diante o jogo arrasta-se lamentavelmente.

O jogo termina com 4 a 1 a favor dos encarnados.

PRODUTOS DE BELEZA

E DE TOILETTE

....

ESPECIALIDADE

DA

PERFUMARIA DA MODA

TELEFONE

C. 1715

5, RUA DO CARMO, 7

LISBOA

Policlinica do Intendente

Almirante Reis, 27, 2.º

Telefone N.º 2989-N.

Dr. Abel Alves—Ouvidos, nariz e garganta, ás 13.
Dr. Almeida Dias—Doenças nervosas e mentais. Electroterapia, ás 13.
Dr. Anastacio Gonçalves—Doenças dos olhos, ás 15.
Dr. Antonio Martins—Doenças das senhoras, ás 16.
Dr. Armando Formigal Luzes—Rins, vias urinarias, ás 11.
Dr. Artur Pacheco—Doenças da pele, ás 14.
Dr. Benard Guedes—Raios X, ás 16.
Dr. Carlos Fradique—Doenças das crianças, ás 15.
Dr. Fernando Fonseca—Medicina geral, sifilis, ás 15.
Dr. Fórmigal Luzes—Massagem, gimastica medica, banhos de luz, mecanoterapia, electroterapia (dia termia, alta frequencia, etc.) ás 14.
Dr. Mario Rosa—Clinica geral, estomago e intestinos, ás 14.
Dr. Pereira da Silva—Analises clinicas. Vacinas.
Dr. Pereira Varela—Doenças da boca e dos dentes, ás 10.
Dr. Vasco de Lacerda—Clinica medica, coração e pulmões, ás 13.
Dr. Vasco Palmeirim—Cirurgia geral e operações, ás 16.

FURUNCULOS

Diabetes, doenças da pele e dos intestinos

curam-se com fermento d'uvas

Formosinho

Farmacia Formosinho

Praça dos Restauradores, 18

LISBOA

A PROPOSITO DA VIAGEM PRESIDENCIAL

A HOSPITALIDADE BRASILEIRA

AS OPINIÕES DE PIERRE DINIS E DE MAURICIO LAMBERG

O que eram os primitivos habitantes do Brasil

Evocações de Historia; recordações infindaveis do Brasil, desse maravilhoso país de nosso encanto ao qual outr'ora dedicámos, com o mais entusiastico fervor da nossa ridente mocidade, os dilatados anos de um quarto de seculo ali passados, seguidamente, no convivio dos mais lidimos afectos, na inconfundivel magnanimidade e gentileza que nobilitam os seus naturais.

País da amisade e de hospitalidade inegualavel!

O éco, vibrante, das apoteoticas manifestações de carinho e de triunfo fidalgamente tributadas por todas as classes sociais do Rio de Janeiro ao venerando chefe do Estado português na visita oficial da qual regressa, e aos demais representantes da nossa terra—leva-nos a rememorar o proverbial acolhimento que o estrangeiro, desconhecido embora, recebe no Brasil, que é deveras surpreendente.

E' a velha hospitalidade portuguesa que daqui se transmudou para aquelas paragens.

Pierre Denis, que realisou uma longa peregrinação de estudo através dos sertões e pelo litoral do norte ao sul daquele país, escreveu no seu interessante livro—*O Brasil no Seculo XX:* «A hospitalidade brasileira ultrapassa, em cordialidade e em delicadesa, tudo o que o europeu, ainda o mais hospitaleiro, pode imaginar. O fazendeiro fará todos os seus esforços para vos tornar a sua casa agradavel; se quereis saír, tereis o melhor cavalo, ou o mais seguro, conforme as vossas aptidões equestres; o filho mais velho acompanhar-vos-ha. Depois do jantar, procurar-se-ha entre os discos do fonografo as canções francesas. E de manhã, á partida, o vosso hospedeiro, dispensando os vossos agradecimentos, assegurar-vos-ha que fica muito reconhecido pela nossa visita. Vi esta scena vinte vezes e de cada vez—deverei eu esta fortuna á minha qualidade de francês?—pareceu-me ter sido recebido como um velho amigo... Penetra-se assim no lar de familias numerosas».

Mauricio Lamberg, alemão que durante anos viajou pelo Brasil, escreveu no seu idioma um livro volumoso e com belas gravuras, que Lombaerts, do Rio de Janeiro, editou e mandou traduzir—*O Brasil,* no qual estuda e aprecia, sob um prisma da mais rigorosa critica, por vezes exagerada e desprimorosa, os problemas da colonisação, da plantação e do comercio.

O autor lastima-se, por vezes, que os brasileiros não tenham uma melhor compreensão do «genio, cultura e da força dos alemães». Pois nesse livro, Lamberg, estudando a conduta dos nacionais com os estrangeiros, diz: «Nenhum estrangeiro é aqui desprezado pela sua religião ou a sua nacionalidade. E' estrangeiro, e está dito tudo. Não se pregunta a um estrangeiro quais as suas crenças religiosas ou a sua nacionalidade, e ninguem encontra peias no exercicio da sua religião ou do seu trabalho. A este respeito é o brasileiro extraordinariamente tolerante».

Documentos insuspeitos são os que aí ficam, que nós poderiamos corroborar e acrescentar com uma larga copia de factos e de elementos provativos da grandeza moral.

* * *

Essa nobilissima expressão da bondade e da fraternal cortesia dos brasileiros não deriva sómente da educação dos primitivos colonisadores daquelas terras; esse sentimento pelo estrangeiro encontra-se vinculado no espirito daquele povo pela tradição de seus aborigenes, dos quais raças ainda existem, fragmentadas e sem a coesão do passado, algumas ainda no estado originario, habitando nos recessos longiquos dos sertões florestas inexploradas, onde a catechese ainda não pôde chegar, e outras, mais numerosas, em preludios de civilisação, instaladas nas proximidades dos litorais ribeirinhos.

Já Pedro Vaz de Caminha, na sua famosa carta-narrativa da viagem de Pedro Alvares Cabral, de cuja frota aquele era escrivão-mór e cronista oficial, nesse documento da genese do Brasil, ha referencia á benignidade dos naturais que, sem mostra de assombro, viram a sua angra ocupada pelos doze grandes navios da frota de Cabral e com os marinheiros fraternizaram desde logo.

A um acêno de Nicolau Coelho, antes do primeiro desembarque, submissamente depuzeram sobre a areia os arcos e flechas de que estavam armados; á oferta de um barrete e uma carapuça, corresponderam imediatamente com a entrega de um chapeu de penas vermelhas e pardas e um grande colar de continhas brancas «parecidas de aljaveira».

Em cada novo dia, passado naquela baia de Porto Seguro, mais aumentava o numero dos naturais que, em absoluta nudez, afluiam á praia, de aspecto prasenteiro e folgasão, envolvendo-se com os portugueses e pretendendo auxilia-los no desembarcar dos bateis e na condução de lenha e agua para bordo das naus.

Quando, por ordem do almirante, desembarcaram o degredado Afonso Ribeiro para lá ficar, com diferentes dadivas para distribuir pelos indios, estes o acolheram muito bem, levando-o para o interior da mata. Mais tarde, porém, voltaram á praia acenando para devolver o degredado; e por que este chorava, animaram-no, «deram-lhe arcos e setas e não lhe tomaram nénhuma coisa de seu, antes como um deles lhe tirara umas continhas amarelas e fugia com elas, os outros foram após aquele, lhas tomaram e tornaram a dar».

Este incidente dá-nos a conhecer a boa indole dos primitivos habitantes do Brasil, pela sensibilidade e susceptibilidade que este caso revela.

Receberam eles o degredado na praia, rodearam-no, levando-o até á sua *taba* (aldeia), distante, calculadamente, legua e meia; como, porém, o infeliz começasse a chorar e a lamentar-se, «fôra animado pelos naturais do país, que mostraram ter piedade dele», e, restituindo-lhe quanto o infeliz lhes tinha dado, devolveram-no para bordo.

Belo gesto, profundamente humano, que enobreceria as gentes civilizadas.

Decorreu assim o primeiro encontro de portugueses com os primitivos brasileiros.

José de Alencar, o primoroso escritor das tradições da patria indigena, descreve-nos no seu brilhante livro *Ubirajára,* com a curiosa descrição das caracteristicas dos povos tocantins e araguayas, as regras da hospitalidade, adoptadas e veneradas por aquelas tribus, que sobremodo interessa lêr.

* * *

Os brasileiros de hoje são bem os sucessores dos selvicolas que, pacificamente, acolheram e fraternizaram com os marinheiros portugueses, na plaga de Porto Seguro, no seculo XVI.

Pierre Denis não se excedeu quando afirmou que a hospitalidade brasileira ultrapassa, em cordialidade e em delicadeza, tudo o que o europeu pode imaginar.

D. P. Barreira.

Telefone C. 3039

SOUZA, MOURA & C.ª L.DA

End. Tel. «SOURA»

CASA BANCÁRIA

103, RUA AUREA, 105

LISBOA

COMPRA E VENDA DE MOEDAS, NOTAS ESTRANGEIRAS, PAPEIS DE CRÉDITO, ORDENS DE BOLSA, CHEQUES SOBRE AS PRINCIPAIS PRAÇAS DO PAÍS E ESTRANGEIRO. DEPOSITOS Á ORDEM E A PRAZO. TODAS AS TRANSACÇÕES BANCARIAS

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

D. Elisa de Figueiredo Cabral, D. Maria do Carmo Pinheiro de Azevedo Bourbon e Menezes, D. Isaura Roquete, D. Maria de Lourdes Belard da Cunha e Menezes, D. Maria Luisa de Sousa Athias e D. Maria Luisa Gonçalves Pedroso.

E os srs.:

Augusto Pereira de Melo, José Francisco Estevam Reynolds e João Matias.

—Fez anos no dia 1 de Outubro o distinto nadador sr. José Eduardo de Sales Guerra.

Chá á americana

Em Sintra

Na quarta-feira realizou-se no «Club Lawrence» um elegante jantar á americana organisado pelas senhoras D. Maria Vitoria e D. Antonia de Paiva Raposo, gentis filhas da senhora D. Camila de Paiva Raposo, que decorreu muito animado e a que assistiram as senhoras: viscondessa do Tojal, baroneza de Ortega, D. Adelaide de Vasconcelos de Mendoça e filhas, D. Amelia Resende da Silva de Melo (Cartaxo), D. Laura de Abreu Reis Ferreira, D. Maria Borges de Sousa, D. Alice Maury de Melo, D. Berta Bastos de Mendoça e filha, D. Constança Ferreira Pinto Basto e filhas, D. Camila de Paiva Raposo e filhas, D. Maria Monteiro de Almeida e filhas, D. Constança de Paiva Raposo, D. Margarida Andreasen da Costa, D. Maria da Costa Botarrel, D. Isabel de Roure, D. Leonor de Oliveira, D. Adelaide de Carvalho (Pombal), D. Maria Carlota de Castro Pereira, D. Julieta Amorim, D. Maria Guedes e mademoiselle Castillo.

As corridas de cavalos em Cascais

Depois de ámanhã realiza-se o terceiro dia de provas das grandiosas corridas de cavalos na Marinha e que tão elegantes têem sido. Tanto no sabado como no domingo foi ali o ponto mundano obrigatorio da nossa assistencia.

Como no ano passado, a tarde de quinta-feira é a especial para «rendez-vous» das senhoras, tendo-se organisado um belo programa de provas.

Pontos de reunião

Os pontos elegantes de reunião ámanhã são na recita da moda, do Politeama, com a engraçada comedia «Cautela com a Fernanda» e na «soirée» elegante do Cinema Condes.

Veraneios mundanos

Em Cascais

O baile oriental, organizado pela senhora D. Branca de Atouguia Ferreira Pinto Basto, que se devia realizar ámanhã, na Parada, foi transferido para sexta-feira, em virtude de não estarem ainda concluidas as lindas ornamentações das salas do «Sportin Club».

Em viagem

Regressou a Paris o sr. Antonio Trigoso.

—Partiu para a Regua o sr. D. Jorge de Castelo Branco (Figueira).

—Regressou das Caldas de Moledo o sr. dr. Antonio Hintze Ribeiro.

—Com sua familia regressou do Mont'Estoril o sr. D. Vasco Bramão.

—Regressou de Torres Novas o sr. visconde de Gião.

—Regressaram de Sintra os srs. condes de Carnide.

Doentes

Tem passado incomodado de saude o nosso colega da redacção sr. Carlos da Mota Marques.

Gama

GRANDE VARIEDADE DE BILHETES, FRACÇÕES E CAUTELAS

para todas as

LOTERIAS

Fornece para revender

PREÇOS CORRENTES

— Pelo correio mais 720 para registo —

TELEFONE NORTE 4020

Pedidos a

F. SILVA GAMA

R. do Amparo, 51—LISBOA

28

RUA DO AMPARO

A SAPATARIA MAIS ECONOMICA DE LISBOA

TELEF. C. 3541

NOTAS E IMPRESSÕES

As corridas de cavalos
EM CASCAIS

O que foi a tarde de domingo

Com um formoso dia de sol, que dava á paisagem a ultima saudade do estio, realizaram-se ontem, em Cascais, no Pinhal da Marinha, corridas de cavalos. A chegada a Cascais ainda, vamos lá, tem um certo conforto. Agora, de Cascais ao campo das corridas, é uma distancia enorme, sem condições nenhumas de turismo, distancia que a poeira, uma poeira branca, ainda torna maior suplicio. A impressão que temos ao chegar é que tudo foi arranjado á pressa, cheirando ainda a acabamento. No fim da pista, no terreno que está ao meio, ainda ha restos de pinhal. A paisagem em redor é uma paisagem sem alma, sonambula, paisagem sem drama, sem alma nenhuma. Apenas á esquerda alguns montes, de cumes erguidos, como seios gigantescos, agridem o azul do horisonte. Nota-se logo que é longe, imensamente longe, e com condições de transporte, não direi primitivas, mas bastante atrazadas. Para aclimatar as corridas de cavalos, para as nacionalizarmos, temos evidentemente que as tornarmos acessiveis, pouco longe de Lisboa. Por mais bela que fôsse a instalação, o facto de estar a alguns quilometros de Cascais inutiliza sempre maiores comentarios.

A tarde é um enlevo de sol. Constantemente chegam carros, que despejam *bouquets* de côres, ou antes senhoras de tal maneira vestidas de côres rutilas, vermelhas, côr de sangue coalhado, que dão a sensação de que são côres que subjectivaram os corpos e se vestiram com a sua alma.

As tribunas começam a encher-se, enchem-se num instante e. o que é curioso, quando se dá uma festa mundana é sempre a mesma sociedade que nós encontramos, com diferença de *toilette;* é gente de S. Carlos, dos concertos sinfonicos, dos *footings* do Chiado. O chamado grande mundo, o mundo mental e social, por uma especie de orgulho, não frequenta a nossa vida elegante. De resto, é uma sociedade que está bem, burguezia elegante com distincção natural.

Vistas de baixo, as tribunas são um caleidoscopio de côres, côres berrantes, côres que se agridem, brancas, amarelas, vermelhas, verdes, azues, côr de rosa. Curioso, os chapeus amarelo-tango fazem-nos agradar o amarelo, que é uma côr covarde, uma côr sem simpatia. Conversa-se baixo e ha, no conjunto, de intervalo para intervalo das corridas, um tedio enorme; chega por vezes a dar a impressão de uma sociedade onde a gente se aborrece. Só quando há a chamada para as corridas e quando elas decorrem é que há uns minutos de *frisson*; depois, cai outra vez tudo numa modorra, num abandono de alegria que chega a contristar. Passeiando a retina pelo palco das tribunas, que é um admiravel scenario de *toilettes* e um delicioso poliptico de frivolidades, vê-se no conjunto um esforço de elegancia que está bem, que agrada aos nosso sentidos, mas que tem muito de atitude e de *pose*. Um desenhador apanharia algumas coisas curiosas. Perfis angulados, mascaras infantis de olhos a quererem decorar tudo, corpos elegantes, deslisando a sua elegancia com a indolencia esvelta dos cisnes e dos navios, mãos que têm sobre o corpo gestos mimados, braços desnudos, tombados numa lassidão de serpente, tanta coisa elegante, frivola, num esforço admiravel de arranjo e de *toilette*.

A segunda, a terceira, a quarta corrida agradaram. Mas merecem alguns reparos. Primeiro, vê-se que são cavalos de corrida de obstaculos, mal trenados. Quasi sem esforço, na segunda volta, ao chegarem á meta, fraquejam. Uma enorme diferença de esforço entre o vencedor e os outros concorrentes.

A terceira corrida «Nacional» foi a que interessou mais, animou mais, vestiu de entusiasmo e curiosidade o frizo mundano da tribuna, o poliptico modernista da assistencia.

Casal Ribeiro parece ir em primeiro logar; depois desequilibrou-se, caindo. O que é interessante é que o cavalo, sem montada, sem cavaleiro, chega mesmo assim em primeiro logar.

Agora, o cavalo-estampa, o cavalo-vertigem, de uma elegancia admiravel de debuxo, é o Ré-Sol, que ganhou a segunda corrida «Omnium», do sr. conde de Calhariz. Na esbelteza do corpo, na elegancia com que corre, marcou bem a sua raça.

Mas na corrida de cavalos, o que mais interessou foi a «aterrissage» de um aeroplano, que descreveu pelo espaço o seu «footing», veiu quasi sobre os tribunas e depois, com um orgulho indolente de ave, pousou no terreno, a meio da pista.

O que faltou nas corridas foi o fundamental, o treino dos cavalos, a preparação tecnica dos cavalos. Assim, é interessante como côr conjunta, como experiencia de «sport», mas não tem «élan», não ha concorrencia «sportiva», ha apenas um desejo de experimentar um genero de «sport» internacional.

* * *

Ha alguma gente que estudou um sorriso, o guardou prudentemente para a ocasião e que um pouco alto fala em Auteuil, em Longchamps, na loucura admiravel do Derby.

Fala-se nas corridas de cavalos no Ric, onde ha materia prima e admiraveis jockeis; em Madrid, na Madrid gritante dos touros de morte. Nos intervalos, emquanto se passeia, ha uma certa conversa de banalidades e, no estudado das posturas, na côr das «toilettes», na mescla dos fatos, no arranjo das frases para o momento oportuno, frases coladas ao assunto com goma-arabica, em tudo ha um desejo de parecer distinto, de agradar ao vizinho, aquilo que portuguêsmente se diz: fazer figura. No meio de tudo, uns sorrisos onde ha uma ironia de alfinete. Num grupo conversa-se. A meu lado alguem, que veste a sua conversa de uma ironia gaulesa, vai espetando na almofada da burguezia alguns alfinetes, que são frases de ironia, duma ironia que é por vezes duma verdade gritante. O que é dum curioso que dá um admiravel estudo sobre a psicologia das multidões mundanas é a postura sossegada de certos grupos, dum pacatismo que não é para o local, duma indolencia que diz bem com o domingo lisboeta, mas que não está bem, não condiz bem com as corridas. E depois, aquela junta de bois num local de reunião, além de ser uma curiosa ironia, é duma «gaucherie» que faz sorrir, regando o local onde se passeia, quer de instante a instante, depois de molhado, reproduz nas pegadas o complicado xadrês da multidão em curvas interrompidas de serpente. A hora mais bela, a que tem mais patine, a que se irmana mais com o fundo dos montes, com o renque dos pinheiros-aigretes, é a hora em que decorreu a ultima corrida quando o crepusculo começava o seu afago azul, e vagamente, docemente, o luar tinha a sua infancia, um luar claro, vestido de branco, de claridade translucida.

As paginas que Eça de Queiroz escreveu nos «Maias» acêrca das corridas de cavalos na Lisboa do ultimo quartel do seculo XIX, «o estupido seculo XIX», como ha pouco o sintetisou Leon Daudet, na Lisboa romantica do Passeio Publico e da politica constitucional, estão todas certas, servem de prova fotografica para as corridas de hoje. Tirando o «decor», o exterior dos fatos e «toilettes», é a mesma alma «manquée» do conjunto, é o mesmo esforço, é a mesma sintese ironica dos tipos e das almas. A Gouvarinho, Steinbroken, o Damaso Salcêde, estavam lá todos. Bastou só olharmos. A Gouvarinho é uma sintese mundana, tipica. O Ega não estava, mas estava lá o seu monoculo, que é um resumo de nós todos e é um pouco a nossa atitude. Estavam o visconde de Darque, creador de cavalos, Craft alheado, Gouvarinho ministras, genero Pacheco «pur-sang», e o poeta Alencar, uma especie de jockey da banalidade.

Ega lá estava, em espirito, de monoculo e sorriso, e curioso tambem, nunca escreveu um livro, nem iniciou ainda as suas memorias dum atomo. O Steinbroken, lá estava, mas na disponibilidade com as mesmas frases e o mesmo ruido de «toilete» berrante. Agora o admiravel, o que vi em centenas de exemplares, foi o Damaso Salcêde, o Damasosinho Salcêde, aquela figura balofa, escanhoada, acefala, rica e pretensiosa, tendo o desorgulho heraldico do pai alfaiate ou vendedor de cautelas e que frequenta o centro intelectual da porta da Marques e se distrai superiormente engraxando as botas três vezes ao dia. Agora quem não estava era o Carlos da Maia. Notei algumas imitações, mas tão toscas, tão frustes, que se desmanchavam ao primeiro sorriso. O Carlos da Maia, hoje, se fosse vivo, não iria ás corridas de cavalos, estava em casa no seu gabinete a relêr, pacientemente, as «Origens da França Contemporanea». Na precipitação do fim das corridas, no correr para os carros, no desejo egoista de voltar depressa, é que eu vi bem estalar o verniz de tanta distinção, é que eu vi bem o esforço de elegancia que é preciso para ser «gentleman», nesse tédio dum domingo outubriano de outono em que toda a gente, como nas corridas de cavalos do tempo dos «Maias», parecia estar á espera do Senhor dos Passos.

* * *

Quando se sai do Pinhal é quasi noite e noite ainda, os «camions» levavam para Cascais os ultimos abencerragens desse dia de corridas. O que eu não sei é se no pinhal ficaria perdida alguma «belle au boit dormant».

Ao alto, pendurada ao alto como uma joia escorrendo luz no pescoço azul da noite, toda decotada de azul, a lua tinha uma transparencia sobrenatural e sonambula. Sobre o tapete das ondas o luar fazia renda, a renda das fulgurações dos debuxos argenteos. Da estação de Cascais ao Estoril, nessa curva de alfange da praia, ha luzes veladas, penumbras de jardim, mas não ha o «intermezzo» duma cascata perdida entre arbustos, cantando a sua eterna clausura. O Estoril de noite neste fim de estio, vestido de sol e de beleza, finda no eterno «jazz-band» dos casinos, emquanto uma ou outra frase de musica, mais cheia de ternura e de alma, nos dá um afago aos sentidos dormentes.

Na curva do alfange do Monte Estoril, junto ao labio cinzento da praia, o mar é bem um pouco, um enorme tapete azul, tapete azul que parece estar ali para nós bordarmos com a nossa seiva.

Shakespeare tinha rasão, quando afirmou que «tudo é bom, quando acaba bem»; o luar compensou-nos bem desse tedio dum outonal domingo de outubro.

Correia da Costa

EDEN-Teatro
HOJE — Em despedidas irrevogaveis
AS DUAS GAROTAS DE PARIS
A sensacional peça, que em vista das COLOSSAIS ENCHENTES dará, ainda, um limitadissimo numero de representações
=— A seguir —=
OS FIDALGOS DA CASA MOURISCA e O CRIME DO COCHICHO

TEATRO DE S. CARLOS
Companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha
Direcção artistica de Carlos Santos
HOJE
O PAI DE TODOS
AMANHÃ
ALMA FORTE
Notabilissima interpretação do actor ALVES DA CUNHA!

POLITEAMA
TELEFONE N. 3028
— ás 21,30 —
Comp.ª REY COLAÇO — ROBLES MONTEIRO
Grande exito de gargalhada
CAUTELA COM A FERNANDA
Aberta a assinatura para 7 RECITAS 7
escolhidas dentre o repertorio de inverno, que é o seguinte:
Romeu e Julieta, peça em 4 actos, de Julio Dantas, inspirada em Shakespeare e Luigi da Porto.
Frei Luís de Sousa, de Garrett.
A luva de Ricardina, de Ricardo Durão.
Ribeirinha, de João Correia de Oliveira e Francisco Lage.
Mademoiselle Bla, de Leop.º Ferreira.
Amores da Serra, de Vicente Arnoso.
Braz Cadunha, de Samuel Maia.
O Lôdo, de Alfredo Cortez.
Cœur de Lilas, de Tristan Bernard.
Enfant de l'amour, de Henri Bataille.
Passionera, dos irmãos Quintero.
A mulher e o fantoche, de Pierre Frondaie.
Le Caducée, de André Pascal.
Mamã Colibri, de Henri Bataille.
Casa da Boneca, de Ibsen.
Preferencia na marcação para os assinantes da epoca passada até ámanhã

TEATRO SÃO LUIZ
Companhia de opereta
ARMANDO VASCONCELLOS
da qual faz parte a actriz
AUSENDA DE OLIVEIRA
HOJE — A festejada opereta de D. José Paulo da Camara e Luna de Oliveira, musica de Filipe Duarte
A MORENINHA

AVENIDA
ás 21,15
Rir sem descansar
Sucesso sem precedentes
Cama, mesa e roupa lavada
Aarão Saavedra — CHABY
D. Carmo — CREMILDA

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

As rosas vermelhas

Ha um espelho, destes espelhos em que a luz é toda feita de luares de platina, onde não ha uma caricia, nem um branco. Ha um piano ao fundo. Ha uma janela aberta.

A mulher sentou-se entre duas grandes rosas vermelhas, que põem na lamina uma nevoa sangrenta. E' duma beleza toda feita de azas; como as estatuas mutiladas, a sua face triunfa pela graça das feridas seculares e o seu sorriso é maior, como um rasto de sonho.

A mulher olha o espelho. Abriram agora o piano. Uma mão palida, uma cabeça que se agita, se detem, procura, encontra. O primeiro acorde, nos graves, uma onda que murmura entre arvoredos e se desprende, tombando, como petalas. Mais funda, duma melancolia intensa, grito e soluço, numa floresta que tem mil anos de noite.

Ha outra cabeça agora que se aproxima. E' loura, duas tranças, uma prega severa, uma mascara de Proserfina.

Os graves morreram. A musica saltita, foge, dispersa-se, numa alegria de primeiro despertar da terra, entre canções de pegoreiros ao caminho da fonte e aves que acordam e se lançam nos ares, em flechas brilhantes.

Os bemoes vibram, aqui um sustenido ralentado, e o «scherzo» põe uma unção de amor parisiadico, sob arvores cujas folhas, são azas presas batendo lentas e moles.

A mulher que está em frente do espelho dilata os olhos; a sua boca queima-lhe a cara, faz-lhe mal, quereria arrancar aquelas rendas pequeninas que se gravam, sangrando, na carne.

A musica tem um beijo; as duas cabeças, começam, lentamente, unindo-se. No espelho a face da mulher, vão caindo, caindo. Nas suas faces cremadas, lagrimas que não refrescam. No piano, as duas cabeças, a um acorde mais vivo, aproximam-se, confundem-se. E no espelho a mascara de dôr, vai-se inclinando fechando as palpebras, como violetas á boca da noite.

Mas a musica ergue-se, canta, vibra, toda de oiro, triunfal como um cortejo, sob um portico de catedral, E' o amor vitorioso na plenitude dos sentidos. Então no espelho a mascara cremada de dôr, que se inclinava lentamente, abate-se contra o marmore.

Nas jarras grandes as duas rosas vermelhas despedaçam as petalas, A nevoa vermelha, na lamina, desfaz-se, goteja sangue. As duas rosas são agora apenas duas labaredas, dois corações despedaçados, petala a petala.

A. P.

SÊLO DA ASSISTENCIA

Nos dias 4, 5 e 6 do corrente é obrigatorio o sêlo da Assistencia nas correspondencias expedidas para o continente da Republica e ilhas adjacentes, sem o que ficarão retidas durante 8 dias nas estações de expedição.

Incendiarios inconscientes

Num primeiro andar da calçada do Grilo, residencia de Luis Esteves, seus filhos, que ficaram sósinhos em casa, emquanto a mãe foi levar-lhe o jantar, entretiveram-se brincando com fosforos. A breve trecho incendiaram as roupas da cama, comunicando-se o fogo ao mobiliario. O incendio foi extinto com o emprego de duas agulhetas.

Quereis poupar o calçado?
Usae o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO, 74

Doenças das senhoras
Tratamento hidro-mineral
ESTORIL-TERMAS

A VIDA NOS MATOS

CAÇADOR DE FERAS

Da Universidade de Coimbra ás selvas africanas

Um irmão de Teixeira de Paschoal que vive nos matagais do Congo

O jornalista, deambulando hoje ali pela Baixa, em busca de assunto para o *Diario*,—com este calor nem os leitores fazem uma ideia do que isto custa—teve um encontro mais inexperado do que os habituais. Deparou-se-lhe, á mesa de um café, um caçador de feras, autentico, dos que não sabem exagerar nem os perigos da profissão nem a corpulencia das presas; um homem que, de tanto viver a vida das selvas, se apaixonou de todo por ela, e se lhe consagrou, numa dessas decisões que nos subjugam ás veses a existencia inteira. João Teixeira de Vasconcelos, quinze anos de permanencia no interior africano, irmão do poeta Teixeira de Paschoais, teve um dia, quando andava nos estudos, em Coimbra, uma contrariedade qualquer que o determinou a abandonar o curso de Direito a que se dedicava. Aborrecido, propenso a aventuras que emocionem, lembrou-se de ir até Angola; e foi, e internou-se no mais perigoso dos matos, e fez-se caçador de elefantes, e por lá se deixou ficar até agora, o bulicio das cidades e os olhos das mulheres, tornados, para ele, uma saudade, apenas, que já não logra, quasi, comovê-lo.

* * *

Veiu de visita, só; o tempo preciso para abraçar sua mãe, para lhe dizer que, tendo-lhe esquecido todo o passado, só a ela não poude esquecer jamais. E voltará depressa á sua vida das selvas, á sua Maquela do Zombo, porque, ao menos, lá, são os homens que matam as feras, e cá, são as *feras* que matam os homens...

—Conte-me episodios da caça...

Um encolher de ombros de quem não liga importancia de maior aos perigos que correu, e, ante a insistencia do jornalista:

—Que hei-de eu dizer-lhe que seja para si novidade? Que a caça ao elefante é cheia de perigos? que a gente arrisca constantemente a vida para o abater? que uma patada do bicho basta para espatifar um homem?

—Uma scena das que mais o tenham emocionado...

—Olhe: a morte de um preto—o meu Manjata—que lá ficou um dia feito em pedaços.

—Conte.

—Muito simples. Foi numa curva. Iamos ambos num rasto... De repente, a coisa de 10 metros, os animais apareceram. Já não houve tempo de evitá-los. O rapaz atrapalha-se, deixou cair a espingarda... não pude, sequer, fazer um tiro. Quando fui para apanhar a arma, já ele ia, como um farrapo, enrolado na tromba do bicho. Perto, ficou apenas uma das pernas do desgraçado...

—São perigosos, então?

—Não costumam a atacar; mas, quando feridos ou perseguidos, tornam-se duma ferocidade, que não é para brincadeiras.

—Depois, duma corpulencia brutal..

—Ha-os enormes. Veja estes.

(Mostram-se fotografias. O caçador parece, encostado aos cadaveres dos animais, um pigmeu repousando sobre uma mole imensa.)

Palavras de admiração; mais fotografias, entre elas a de um craneo enorme de elefante. E o caçador:

—Esse pesa 92 quilos. E este queixal, 3q,150.

—Marfim em abundancia...

—Agora fiz eu embarcar para Anvers uma remessa que deve render uns 96 contos, se o cambio se mantiver.

—Muito tempo para o recolher?

—Este recolhi-o num mez, apenas. São 216 quilos. E' uma questão de sorte. A's vezes passam-se mezes sem se apanhar uma presa.

— A carne, comem-na?

— Comem-na os pretos. Gostam imenso. A banha guardamo-la para nós. Cada animal dá um rendimento de cerca de 200 litros.

— As expedições são demoradas?

— Levam sempre meses. A gente instala-se no mato, aonde mais nos convenha, e fazem-se «raids» nas cercanias do acampamento, e, quando a caça dá, não se volta sem ter secado a carne e aproveitado tudo quanto julgamos aproveitavel.

* * *

— Os pretos são bons auxiliares?

— Aguentam-se, se não virem que o branco recua. Ao mais pequeno gesto de medo, fogem, que já ninguem consegue encorajá-los.

—E no convivio, são trataveis?

—São. A principio, quando um branco surge, desconfiam, assustam-se, quasi se tomam de pavor, por julgarem que é gente do maniputo.

—Que gente é essa?

—E' a gente do governo. Como só aparecem para cobrar os impostos, qnando os pretos os vêem, parece que vêem o dlabo.

—Maus tratos?...

—Conforme os capitães mores. O do Cuango, o major Anastacio Rodrigues de Lemos, fez lá tantas violencias que até deve ir responder agora em conselho de guerra, acusado das maiores tropelias.

—Sabe disso?

—Sei. Até sou testemunha do processo. Esse senhor fez verdadeiros massacres na area da capitania.

—Por exemplo...

—Era todos os dias. Se fôsse a dar exemplos, nunca mais acabava. O menos que fazia era assaltar com gente armada as fazendas em que os indigenas tinham os gados, roubá-los, e ir vender tudo, depois, para o Congo Belga, cuja fronteira lhe ficava mais proxima.

* * *

— Admira como os pretos não resistem.

— Se resistiam, mandava matar neles sem dó nem piedade.

— A maior parte não tem remedio senão submeter-se. Calam-se, sofrem emquanto podem, até que, lá de vez em vez, quando a medida extravasa, se revoltam a serio; e então, não respeitam nenhum branco que se lhes depare. Nesses momentos, só escapam, dos brancos, as crianças. Não poupam mais ninguem que lhes caia nas mãos. Ha até um caso. . .

— Mete crianças?

— Mete. Foi que, quando da revolta dos Dembos, os brancos, ao penetraram no campo inimigo, foram encontrar uma mulher branca, já de idade, com filhos negros, vivendo como indigena no meio da pretalhada. Veiu depois a averiguar-se que era filha do comandante de um posto que os pretos haviam assaltado bastantes anos antes, num momento de revolta. O pai e a mãe haviam sido trucidados. Ela, a filha, como era criança ainda, levaram-na consigo os assaltantes, para o mato, lá a criaram, e lá se fez mulher, e lá se adaptou áquele meio, sem ter sabido nunca quem haviam sido os seus pais, nem como foi ali parar.

FORNECEMOS:
Sôro Antidisenterico
Sôro Antimeningococcico
Sôro Antistreptococcico
Sôro Antipneumococcico
Sôro Antigrippal
do INSTITUTO BEHRING, de Marburg.
RAUL VIEIRA, L.DA — R. da Prata, 51

Os Teatros

O teatro Nacional

Conforme fôra oficialmente determinado pela administração do teatro Nacional, efectuou-se ontem a apresentução da companhia daquele teatro do Estado, verificando-se a falta de cinco artistas societarios: um, ausente no Brasil, com licença; outro, que mandou um atestado medico, uma hora depois da marcada para a sessão; outro ainda, que enviou uma carta, dizendo-se cansado e carecido de repouso; outro, que se encontra realmente doente no Porto, e ainda uma actriz, que nem sequer justificou a sua ausencia.

Por este facto, não se pôde determinar serviços para a abertura da proxima epoca, tendo o comissario do governo junto daquele teatro ordenado as respectivas medidas para que se cumpra o preceituado na lei.

A "réprise" da "Alma forte"

A'manhã, no elegante teatro de S. Carlos, faz-se «réprise» da emocionante peça de Dario Nicodemi «Alma forte». notavel interpretação do grande actor Alves da Cunha, que ha muito tempo a não representa em Lisboa. O interesse que esta «réprise» está despertando é bastante significativo, pois já ontem, o primeiro dia em que foi anunciada, ficaram marcados muitos bilhetes

Atrás do reposteiro

Hontem, á noite, nos palcos dos teatros de Lisboa o facto de sensação foi a noticia de que Nascimento Fernandes já não embarca para o Brasil. Esta medida foi determinada pelo empresario José Loureiro que, segundo crêmos, terá de indemnisar aquele artista com a quantia de 15 contos. Nascimento Fernandes, aceitando de boamente a resolução do seu empresario, não escondia a sua magua pelo sucedido, tendo-lhe-até mesmo recebido varias sugestões no sentido de organizar companhia.

—Gastão Alves da Cunha, irmão do actor José Alves da Cunha, estreia-se como artista dramatico na peça «Vasco da Gama», de Silva Tavares, desempenhando o papel de «D. Luis de Menezes».

—Regressou a Lisboa, vindo da Figueira da Foz, o actor Matos Reis.

—Deve regressar a Lisboa, por toda esta semana, o actor empresario Robles Monteiro, vindo de sua casa de S. Vicente da Beira.

—O actor Eduardo Brazão continúa «filmando» as ultimas scenas da fita «As pupilas do sr. reitor», editada pela Caldevilla-Film.

—Encontra-se em Lisboa o velho actor Oliveira, ha muitos anos residente no Porto.

—Diz-se que o teatro Maria Vitoria, quando reabrir, estreará uma companhia de comedia e farça.

—Foi contractada para a companhia Aura Abranches o actor Antonio Melo, que fez a epoca passada no Nacional.

—Henrique Alegria tem quasi subscrito o capital para a constituição de uma empresa editora de «films», cuja séde será talvez em Lisboa.

—A Invicta-Film pensa na edição de alguns «films», aproveitando alguns artistas actualmente no Porto.

—Esteve hoje na redacção do «Diario de Lisboa», a apresentar-nos os seus cumprimentos, o distinto actor sr. João Lopes, que fez parte da companhia Ilda Stichini-José Ricardo e que brevemente deve reaparecer no teatro Nacional. Agradecemos a gentileza.

—Na Sociedade Promotora de Educação Popular realiza-se no proximo sabado uma récita de amadores, subindo á scena a comedia em 3 actos, de Acacio Antunes, «A's onze e meia».

CARTAZ

S. Carlos—A's 9,15—«O pai de todos».
Nacional—Não ha espectaculo.
S. Luis—Ás 21,15—«A moreninha».
Politeama—A's 21,30—«Cautela com a Fernanda».
Avenida—A's 9,15—«Cama, mesa e roupa lavada».
Apolo—Não ha espectaculo.
Chiado Terrasse—Animatografo.
Eden-Teatro—A's 21—«As duas garotas de Paris».
Salão Foz—A's 21—«Sou... ou não sou?»
Coliseu dos Recreios—A's 20,30 e 22,30—«Tic-Tac».
Circo Royal—Companhia de variedades.
Gil Vicente (á Graça)—Ás 21,15—«Valha-nos isso».
Teatro dos Anjos—Ás 20,30—Companhia de variedades.

Animatografos e variedades

Olimpia (Rua dos Condes).
Cinema Condes (Avenida da Liberdade).
Salão Central (Praça dos Restauradores).
Salão Ideal (Rua do Loreto).
Cine-Paris (Rua Ferreira Borges).
Salão da Promotora (Ao Calvario).
Eden Cinema (Alcantara).

MALAS POSTIAS

Ámanhã são expedidas malas postais, pelo «Abundi», para Las Palmas, e pelo «Alegrete», para o Pará, Manaus, Maranhão, Ceará e Iquitos, sendo ás 8 horas a ultima tiragem da caixa geral.

POLITEAMA GRANDE EXITO —
Cautela com a Fernanda
Aberta a assinatura para a proxima epoca (Vide anuncio, pag. 6)

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

EM S. JOÃO DA MADEIRA

UM HOSPITAL

QUE SE DEVE Á INICIATIVA PARTICULAR

Uma subscrição que atinge 140 contos em poucos dias

S. João da Madeira, a freguesia mais industrial do distrito de Aveiro, pertencente ao concelho de Oliveira de Azemeis, «imperio» de chapelaria e doutras industrias, vai por todo este mês ter um belo hospital. Devido á iniciativa particular, claro.

* * *

O sr. J. Tavares Valente fala-nos sôbre o assunto:

—O hospital é instalado num edificio legado por um benemerito da terra. Para a constituição do seu patrimonio, para as restantes despesas, contribuiram, porém, todos os habitantes de S. João da Madeira. Trata-se dum importante melhoramento. A subscrição aberta para esse fim já atingiu 140 contos.

—Só em S. João da Madeira?

—100 contos foram subscritos pela colonia de S. João da Madeira, no Brasil.

Além disto, duas caridosas pessoas tomaram o compromisso de custear as despesas de enfermagem durante doze meses. Outras ofereceram mobiliario, roupas, etc.

—E houve qualquer interferencia oficial em tudo isso?

—Ao sr. ministro do Trabalho tambem foi solicitado o auxilio possivel. Foi convidado egualmente a assistir á inauguração solene da nova casa de caridade, que deve revestir a maior imponencia, tendo o sr. dr. Vasco Borges acedido ao pedido do povo de S. João da Madeira, que tão nobremente se afirma trabalhador e benemerito, pelo que merece os louvores de todos.

Um caso de alienação mental

Os jornais noticiaram ha dias de ter sido preso o sr. Jorge Abecassis, acusado de ter combinado com um «chauffeur» um passeio de automovel, recusando-se a pagar.

O sr. Abecassis, que é filho do sr. Jorge Abecassis, director dos caminhos de ferro do Estado, está atacado de alienação mental, motivo por que foi hoje removido para a casa de saude do Telhal.

A alemã presa no Governo Civil

segue hoje para o seu país

Foi hoje finalmente posta em liberdade aquela subdita alemã que ha tempos se encontrava nos calabouços particulares do Governo Civil.

Segue hoje mesmo para o seu país.

CAMBIOS

Dia 3

	Comprador	Vendedor
Libra esterlina	113$000	120$000
Londres, cheque	2 1/8	2
» 90 d. v	2 5/32	—
Rio Londres	6 7/16	—
Paris	1$950	2$070
Italia	1$099	1$165
Bélgica	1$830	1$950
Suiça	4$810	5$110
Espanha	3$890	4$130
Berlim	14	18
Holanda	9$995	10$620
Nova-York	25$700	27$303
Rio Lisboa	3$029	3$216
T. Desc. Banco de Inglaterra	—	—
» » » » Portugal	—	—
Ágio do ouro	2$100	2$200

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO, 74

UM ASSUNTO DE AGORA

O Chefe do Distrito E A CENSURA TEATRAL

O «Diario de Lisboa» ouve o sr. Luís Galhardão

O sr. Luís Galhardo, homem de teatro por excelencia, autor, ensaiador e actor—para ensinar os outros, é uma pessoa de quem pode dizer-se que trabalha vinte e seis horas por dia, porque ao fim de vinte e quatro lhe faltam sempre duas horas para completar o que tinha para fazer. Se pratica o ditado do «guardar para ámanhã...» não é que esteja parado um unico segundo. E' porque os dias para ele são sempre pequenos e todas as noites se vê obrigado a dormir depressa, visto que as suas multiplas ocupações lhe não permitem dormir devagar.

Ora por isto mesmo, o jornalista que lhe pedira uma conversa a proposito da censura teatral que está sendo exercida pelo chefe do distrito, ficou admirado de o encontrar no Parque Mayer á hora aprazada. Ainda assim, o sr, Luís Galhardo apenas entrou no seu gabinete, convidou gentilmente o jornalista a tomar assento, mas principiou logo a preparar-se para sair.

A entrevista foi, pois, um entreacto que se passou assim:

—Na qualidade de autor da revista «Tic-tac», o que se lhe oferece dizer ácerca dos córtes ordenados pelo sr. governador civil?

—Que são imponderados.

—Em que razões alicerça a sua afirmação?

—Em primeiro logar devo afirmar-lhe, para que ás minhas palavras não seja dado um sentido que elas não encerram, que tenho pelo sr. governador civil uma grande simpatia pessoal e politica.

—Registarei.

—Faz-me muito favor. E posto isto, á guisa de historia, dir-lhe-hei que fui no tempo da monarquia um dos autores que mais protestou contra a censura teatral. Recorda-se da revista «O' da guarda!»?

—De Luiz Galhardo e Barbosa Junior.

—Exactamente.

—Pois essa revista ajudou a preparar o ambiente que tornou possivel a revolução de 5 de outubro. Todas as noites a peça sofria cortes e eu recusava-me a fazê-los. E lutei até ao fim. Eu sou de opinião que se deve evitar a pornografia em teatro. Por mim nunca escrevi qualquer numero desse genero e aplaudo todas as autoridades que se abalancem á empresa de limpar o teatro português de obscenidades. Se algum dos meus colaboradores carrega um pouco na mão e o publico não recebe bem o dito porque o considera escabroso, sou o primeiro a aconselhar a sua eliminação.

—Está portanto de acôrdo com o chefe do distrito...

—Decerto. Menos num ponto importantissimo: o de s. ex.ª entender que a sua qualidade de inspector geral dos teatros lhe dá o direito de mutilar peças sem consciencia nem bom senso. Sabe que ele, por exemplo, mandou suprimir o numero do «Talassa», no «Tic-Tac», sob o pretexto de que perigavam as instituições com a sua exibição. O numero foi representado mais de cem vezes, o ano passado, sem que a Republica tivesse sofrido qualquer abalo. E vem agora o sr. Viriato Lobo, que me não pode dar lições de republicanismo, proíbi-lo! Mas ha mais: ainda ha bem pouco tempo ele pretendeu impedir que no Salão Foz se dissessem determinados versos, considerando-os obscenos. Pois os versos eram nem mais nem menos do que o soneto de Julio Dantas «A liga da duquezal»

—A censura é sempre antipatica...

—Mas tolera-se, em todo o caso quando é inteligentemente feita. Não o sendo, só serve para auxiliar o ambiente que conduz a revoltas de varia especie de que os republicanos não saem vencedores. O censor Lacerda, do tempo da monarquia, trabalhou muito para a implantação do atual regime, supondo que prestava grandes serviços aos seus correligionarios. Olhe: eu afastei-me definitivamente da politica porque ela me não deu senão desgostos. No emtanto, filiado ainda e sempre no maior partido da Republica, não sou defectista, não pertenço áquele numero de republicanos que dizem mal dos republicanos, anavalhando reputações e poluindo caracteres integros. Pois neste caso de censura eu, que ando no teatro ha trinta anos, sou forçado a dizer que ao sr. governador civil falta competencia para executar com ponderação esse serviço.

—Já se estão exibindo alguns dos numeros cortados?

—Dois deles, com autorização, é claro, do chefe do distrito. Mas o meu procedimento, quando os cortes foram feitos, teria sido retirar imediatamente a revista de scena.

—E porque o não fez?

—Porque ia prejudicar algumas centenas de pessoas. O teatro, os que do teatro vivem, atravessam uma grande crise. Ninguem deve dificultar-lhe a existencia, sobretudo no momento em que as suas despesas são agravadas com mais impostos. E o sr. governador civil, que ainda ha bem pouco tempo foi secundado por emprezarios e artistas na organização do bodo aos pobres, devia ser o primeiro a não querer prejudicar os seus interesses. Que, de resto, eu estou convencido que se o sr. Viriato Lobo ainda ocupa o logar de chefe do distrito é porque se não encontra quem o queira substituir.

E dito isto, o sr. Luiz Galhardo, chamado por um dos seus secretarios, largou a correr e nunca mais o vimos.

Experiencias de balão cativo

Na companhia de Aerosteiros, em Alverca, realisam-se pela primeira vez em Portugal, entre as 8 e as 11 horas da manhã, exercicios de ascensão em balão cativo e descida em pára-quedas.

O celebre «conto»...

Antonio José de Sousa, de passagem em Lisboa e hospedado no Francfort Hotel, queixou-se á policia de ter sido burlado pelo processo do «conto do vigario» na quantia de 1.300 escudos.

FRAGA, L.DA
Agentes comerciais
COMISSÕES e Consignações
RUA DA PALMA, 4, 1.º
COMPRA e VENDA de Propriedades — Hipotecas
TELEFONE 3676-N
Encarregam-se:
Trespasses, Leilões, Administrações
Referencias bancarias:
BANCO PORTUGUEZ E BRASILEIRO
BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

COM FIGADOS DE TIGRE

UM POLICIA

QUE SE SERVE DA FARDA PARA SE VINGAR

São agredidos marido, mulher e uma criança de 2 anos

O sr. João Vieira, vogal do Nucleo dr. Sidonio Pais, da freguezia da Penha de França e sua mulher, Rosa de Jesus, falaram hoje com um redactor do *Diario de Lisboa* nos calabouços do Governo Civil.

Diz êle:

—Fômos presos na quarta feira.

—Porquê?

—Por vingança do civico 1918.

—E como se passou isso?

—Eu, na quarta-feira á noite, dirigi-me para minha casa na rua do Barão de Sabrosa, 64. Acompanhava-me o meu amigo Manuel Lourenço. Ao entrar na escada vi ali ocultas duas mulheres. Quando lhes preguntava o que estavam a fazer ali, apareceu-me o 1918.

—E que fez?

—Mandou-me retirar, com modo bruscos. Obedeci. Ao entrar para casa, porém, o 1918 deu-me com um cavalo marinho, motivo por que gritei por socôrro.

Diz a mulher:

—Ao ouvir os gritos, apareci. Fui tambem agredida. Ficámos ambos feridos. Meu marido refugiou-se em casa. O 1918, não contente ainda com o que fizera, perseguiu-o, agredindo-o novamente, tão ás cegas que até atingiu o meu filhinho Sidonio Pais, de dois anos.

Como meu marido protestasse, fômos ambos presos. No trajecto para a esquadra do Alto do Pina, novamente o 1918 nos agrediu. E se não levámos mais pancada, foi porque apareceu o cabo Maia, que censurou os actos do policia.

* * *

Nota final:—O sr. Vieira e sua esposa, são acusados, na participação feita pelo 1918, de desobediencia e resistencia á policia.

Reclama-se um louvor e um premio para o 1918!..

Tentativa de estrangulamento

Segue ámanhã para juizo o serralheiro Paulo José Canelas, acusado de tentar estrangular Preciosa de Jesus, da travessa dos Fieis de Deus.

Provou-se tratar-se de uma agressão, mas, no entanto, as testemunhas declararam ter havido a tentativa de estrangulamento.

Os serviços dos juizes de paz

Procurou-nos o nosso colega na imprensa sr. José Joaquim de Almeida, visado na local que ontem publicámos sob este titulo, que nos declarou não ser das suas atribuições a entrega de objectos ou dinheiro, atribuições que pertencem exclusivamente á Boa Hora.

Quanto ao encerramento do quarto da rua da Atalaia, pode ser reclamada das pessoas que se habilitem na Boa Hora uma indemnização pelo prejuizo sofrido.

O desfalque em Moçambique

Noticiou a imprensa que num dos serviços publicos da provincia de Moçambique fôra descoberto um importante desfalque. Já se sabe que esses serviços são os aduaneiros, tendo sido requisitado pelo Alto Comissario, para seguir para ali, o chefe desses serviços, que se encontra na metropole no goso de licença.

As subvenções

Segundo consta, já foi autorizado, ou sê-lo-ha brevemente, o pagamento da diferença das subvenções para o coeficiente 12, respeitante aos meses de julho e de setembro.

Como se sabe, um recente decreto restabeleceu aquele coeficiente, que tinha sido reduzido a 9, tendo-se verificado posteriormente que essa redução não estava no espirito da lei n.º 1:355.

M. S. DE LEMOS, LIMITADA

Para os devidos efeitos se anuncia que, por escritura de 14 do corrente, outorgada perante o notario abaixo assinado, foi constituida uma sociedade por cotas de responsabilidade limitada, nos termos dos artigos seguintes

1.º

Esta sociedade adopta para todos os seus actos e contractos a firma M. S. DE LEMOS, LIMITADA, e fica tendo a sua séde em Lisboa e o seu domicilio (escritorio) na rua da Boa Vista, n.º 180, 2.º andar.

2.º

O seu objecto é o exercicio do comercio de comissões e consignações. Poderá, porém, ser explorado qualquer outro ramo de comercio ou industria, não bancario, mediante previa deliberação social.

3.º

A sua duração será por tempo indeterminado, contando-se para todos os efeitos o seu começo desde o dia 1 de Agosto do corrente ano.

4.º

O capital social é de 90.000$00, em dinheiro, está integralmente realizado, e corresponde á soma das cotas dos socios, que são a seguintes:

Alberto Celestino Ferreira Pinto Basto	15.000$00
Manuel Silveira de Lemos .	30.000$00
Vasco Sampaio Castelo Branco	30.000$00
Adriano Soares das Neves .	15.000$00

5.º

Não são exigiveis prestações suplementares; mas qualquer socio poderá fazer á caixa social os suprimentos de que esta necessitar, vencendo as respectivas importancias juro á taxa do desconto do Banco de Portugal ou á que fôr combinada.

§ unico—Os levantamentos dos suprimentos não se poderão efectuar, sem aviso previo de 3 meses. A sociedade, porém, poderá restituir as suas importancias, sem aviso, quando entender que não são necessarias ao seu giro comercial.

6.º

O socio que pretender ceder a estranho a sua quota ou parte dela terá de a oferecer previamente, em carta registada, á sociedade e aos outros socios, a fim de poderem usar, aquela em primeiro logar e estes em segundo, do direito, que lhes fica reservado, de a adquirirem.

§ 1.º — Se, não usando a sociedade deste direito, mais de um socio quizer a quota, será esta posta em licitação entre todos e adjudicada ao que maior lanço oferecer, salvo o direito de preferencia que fica estipulado a favor do socio Manuel Silveira de Lemos. Antes da licitação será estabelecida a forma de pagamento do preço da alienação.

2.º — Por excepção o socio Castelo Branco fica desde já autorizado a ceder, quando e a quem quizer, uma parte da sua quota igual a 15.000$00.

7.º

A cessão total ou parcial de cotas entre socios e a sua divisão por herdeiros de qualquer socio não carecem de qualquer autorização ou formalidade previa.

8.º

A administração de todos os negocios da sociedade e a sua representação em juizo e fora dêle, activa e passivamente, serão exercidas pelo socio Manuel Silveira de Lemos, e, na sua ausencia ou impedimento, pelo socio Vasco Sampaio Castelo Branco, ambos os quais ficam nomeados gerentes, com o uso da firma e os mais amplos poderes e com dispensa de caução.

§ 1.º — Além das percentagens que vão estipuladas no art. 10.º, os gerentes terão os vencimentos que forem fixados na primeira reunião da sociedade. Serão sempre remunerados os serviços prestados pelos socios não gerentes.

§ 2.º — Aos gerentes é expressamente proibido fazer uso da firma em actos ou negocios que não digam respeito á sociedade, tais como fianças, letras de favor e outros semelhantes.

9.º

Em 31 de dezembro de cada ano proceder-se-ha a um balanço geral da sociedade, o qual deve ser submetido á apreciação dos socios até ao dia 28 de fevereiro de ano seguinte.

10.º

Os lucros liquidos acusados pelo balanço, depois de deduzidas as percentagens de 5 por cento, pelo menos, para o fundo de reserva legal, 10 por cento para o primeiro gerente, e 5 por cento para o segundo gerente, serão divididos pelos socios na proporção das suas cotas.

11.º

Todas as transações em que o socio Manuel Silveira de Lemos tenha intervindo desde o principio de Agosto ultimo, considerar-se-hão iniciadas ou realizadas por conta da sociedade, e para esta reverterão os respectivos beneficios ou prejuizos.

12.º

A partir desta data não poderão os socios, especialmente os gerentes, explorar em seu nome individual negocios congéneres dos desta sociedade. No caso de infracção desta clausula, o infractor perderá em favor dos demais socios 50 por cento dos seus lucros relativos ao ano em curso.

13.º

A convocação das assembleias dos socios, quando necessaria, será feita só por meio de cartas registadas, expedidas com a antecedencia de 5 dias, pelo menos. Ficam salvos os casos em que a lei exija outra forma.

§ unico. — As deliberações constarão sempre de acta, lançada no livro respectivo.

14.º

Ocorrendo o falecimento de qualquer dos socios, poderá a sociedade amortizar a respectiva cota, pagando-a pelo valor que lhe haja sido atribuido no ultimo balanço aprovado, acrescido da correspondente parte do fundo de reserva e dos lucros proporcionais ao tempo decorrido desde aquele balanço até á data do falecimento, em conformidade do balanço do ano anterior.

§ 1.º — O pagamento será feito em quatro prestações semestrais, ou de pronto se assim convier á sociedade.

§ 2.º — As estipulações deste artigo e seu § 1.º serão aplicaveis ao caso de interdição de socio.

15.º

Se a sociedade não amortizar a cota do socio falecido, dentro de 2 meses após o falecimento, os respectivos herdeiros ou representantes poderão dividir entre si a mesma cota, sem necessidade de qualquer consentimento; e entretanto exercerão em comum os direitos sociais inerentes, por intermedio de um só deles.

16.º

A sociedade dissolve-se unicamente nos casos previstos na lei. Dada a dissolação, todos os socios procederão á liquidação e partilha, como então resolverem ou fôr de direito.

17.º

Para todas as questões emergentes do presente contracto entre os socios, seus herdeiros ou representantes e entre a sociedade e quaisquer outras entidades, fica estipulado o fôro da comarca de Lisboa, com renuncia expressa a qualquer outro.

18.º

Em tudo o que fôr omisso regularão as disposições da lei de 11 de Abril de 1901 e mais legislação aplicavel.

Lisboa, 23 de Setembro de 1922.

O notario,

Antonio Tavares de Carvalho

MOBILIAS E ESTOFOS

30 a 40 0|0 mais barato
Por conta do fabricante

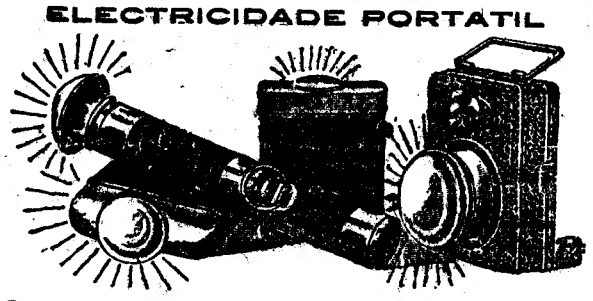
Grande sortido de luxuosas mobilias em diversos estilos
Salas com «cosi-corner»
Escritorios em pau santo
SALAS DE JANTAR
Quartos, «maples», carpetes, passadeiras e oleados
TELEFONE N. 2142

Fulgencio & Albuquerque, L.da
Rua de Passos Manuel, 46 e 48

PAPEIS IMPRESSÃO ESCRITA E EMBRULHO
FIO DE VELA
PAPELÃO PALHA HOLLANDEZ
IMPORTAÇÃO DIRECTA
TINTAS, nacionais e estrangeiras
OBJECTOS DE ESCRITORIO
VENDAS POR ATACADO Pedidos

Casa Hollandeza
170, Rua da Alfandega, 172
Telegramas: SOUTELLEYA LISBOA

ELECTRICIDADE PORTATIL



Lampadas d'algibeira, Botões, Tarches, Lanternas para trazer na mão. Pilhas e baterias

Descontos aos revendedores
Remete-se para a provincia

CASA TRIUNFO Rua Augusta, 72 e 74 LISBOA

Esta casa é incontestavelmente a mais bem fornecida

Fonsecas, Santos & Vianna
BANQUEIROS
ESTABELECIDOS EM 1861
Rua do Comercio, 116 a 132
Telegramas: SANVISE-LISBOA

AOS NOIVOS
MOBILIAS
Nos mais bonitos estilos e esmerado acabamento
3 mobilias completas a titulo de reclame por 2.800$00
TELES, PORTELA & FERRADOR, Lmt.
77, 79 — RUA DOS CAVALEIROS — 81, 83, Loja e 1.º andar
Telefone 3549 Norte

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

Acessorios para carrosseries

A' Garage Central, L. da Anunciada, 17, acabam de chegar: pára brizas completos de diversas medidas, «strapontins» o que ha de mais perfeito e completa novidade, guarnições em latão para estribos, fixas invisiveis para portas, ferragens em lagarto para capotas, trincos para portas, chapa em aluminium estriada (qualquer medida), ventiladores, torniquetes, etc.

Tudo de construção francesa.

T. 3640 N.

Fabrica de
Ladrilhos
Mosaicos
Azulejos
Cimentos
GOARMON & C.A
TRAVESSA DO CORPO SANTO, 17 a 19
Telefone n.º 1244
LISBOA

BELAS PRATAS

Faqueiros, serviços, taboleiros, salvas, etc., e grande sortido de objectos para brindes. Descontos aos revendedores

SARAIVA, COSTA & SANTOS, Ltd.ª
OURIVES FABRICANTES
Rua Portas Santo Antão n.º 44

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

A PAZ DO ORIENTE

ENTROU

EM VIGOR O ARMISTICIO

Começou hoje a conferencia militar de Mudania — O governo de Angora protesta junto dos aliados

PARIS, 3

Foi oficialmente notificado ao presidente Poincaré, pelo governo de Angora, que, enquanto durarem as negociações da paz, seria ordenado pelo mesmo governo um armisticio em toda a zona de guerra — (L. A.).

CONSTANTINOPLA, 3

Em virtude da comunicação feita pelo governo de Angora aos aliados entrou já em vigor o armisticio. Os turcos evacuaram Karabigha e Trenkeny.

A conferencia militar de Mudania reune-se hoje ás 10 horas e meia. Ismet Pachá será o representante de Mustafá-Kemal. O governo de Angora dirigiu um protesto aos altos comissarios aliados contra o regime de perseguição ás populações mussulmanas pelos exercitos helenicos — (Diboa).

Os aliados chegam a um acordo

LONDRES, 3

O embaixador de França e lord Curson chegaram a um acordo sobre a questão da Tracia. A Inglaterra comunicou ao general Harrington que procedesse de acordo com os representantes da França e da Italia, no que respeita á evacuação da Tracia pelas tropas gregas até ao rio Maritza — (Diboa).

Socorrendo os refugiados de Smyrna

LONDRES, 3

As sociedades inglesas que se ocupavam dos famintos russos têm desenvolvido uma grande actividade, a fim de socorrer os refugiados de Smyrna. O «Comité» acaba de expedir de Calais um comboio especial, composto de 12 vagons carregados de mantimentos diversos, avaliado em 8.000 libras. O governo britanico encarregou-se de o fazer chegar ao seu destino o mais rapidamente possivel. — (L. A.)

A situação na Grécia

ATHENAS, 3

O rei Jorge recebeu o «Comité» revolucionario. O coronel Gonatas, chefe do «comité», felicitou o rei pelo seu advento ao trôno. O rei, agradecendo as felicitações, disse desejar sómente a felicidade da Grécia. — (L. A.)

ÁMANHÃ — Quarta-feira definitivamente

TEATRO APOLO

«Première» da fantasia, genero revista

CIGARRO BREJEIRO

de Ascenção Barbosa e Abreu e Sousa musica de Alves Coelho e Bernardo Ferreira

Entre outros artistas tomam parte JULIETA SOARES que reaparece, DEOLINDA SAYAL, LINA DEMOEL. Scenarios executados por Salvador & Mergulhão, Renda, Serra & Amancio e Baltazar Rodrigues. 400 fatos de fantasia do «costumier» Jaime Valverde

BILHETES Á VENDA

SALÃO FOZ

Telefone 4354 Norte

Companhia Beatriz de Almeida

QUARTA-FEIRA, 4 — A celebre peça

O AZ

HOJE, terça-feira não ha espectaculo a fim de se realizar o ensaio geral da peça

— O AZ —

O QUE SE PASSA?

Um problema dificil de compreender

As rivalidades entre a França e a Inglaterra

A questão do Oriente terá grande influencia no magno problema economico europeu, ainda que venha a arrumar-se em paz, o que é desejavel mas não é certo.

Pensemos o melhor: que o armisticio se assina dentro de três dias como algumas noticias fazem esperar, apesar do general Harrington anunciar ao mesmo tempo que a situação é grave e ele ter recebido do seu governo plenos poderes para proceder conforme as circunstancias o exigirem, liberdade portanto de fazer a paz ou declarar a guerra, coiso facilima, visto que as tropas inglesas e turcas «se estão espreitando através dos arames farpados».

Mas abandonando o proposito de adivinhar o que sucederá, uma coisa se pode já dizer sem reticencias: é que as relações entre a Inglaterra e a França. ha tanto tempo crescentemente dificeis, se não encobrirão já de aqui por diante em circunstancias nenhumas, sob esperanças de cordealidade.

Entre as duas mais poderosas aliadas da grande guerra ficaram latentes varios grãos de areia como a questão de Marrocos, a do oriente e outras que sistematicamente foram sendo postas de parte até ao momento em que é forçoso encará-los de frente. Mas o mais importante de todos, o que apaga os outros, é a questão economica que, sendo una, se divide contudo em duas partes: relações com a Alemanha, relações com a Russia.

Actualmense a questão do Oriente dominou a economica; as atenções desviaram-se da Alemanha deixando-a descansar por momentos.

Já agora, é impossivel adiar a solução do problema do Oriente; mas deixará feridas profundas no amor proprio e nos interesses ou da Inglaterra ou da França, ou de ambas, o que é mais certo.

Com que animo voltarão aquelas duas nações a discutir e a resolver o problema economico, que por sua vez se tornará tambem impossivel de adiar?

Uma nota oficial britanica comunicou ao governo francês sobre os acontecimentos do Oriente: «A França será informada, mas não será consultada».

E' a primeira vez que um governo aliado toma uma deliberação desta natureza num assunto que é do interesse de todos e por todos foi até aí discutida. Esta informação não levantou em si os clamores que seria de esperar; a separação entre a Inglaterra e a França começada no meio dos maiores alarmes, vai seguindo, crescendo de tal maneira que o primeiro facto oficial e positivo de separação não causou já estranheza.

Mas quando em breve se voltar ao problema das relações com a Russia e a Alemanha, a separação entre a Inglaterra e a França será tão completa que já nenhuma estranhará que sigam caminhos diferentes sem chegarem ao retumbante rompimento que durante tanto tempo ameaçou a Europa.

E este acontecimento é tanto mais de esperar que a Inglaterra de alguma forma hade querer compensar-se de não poder obter nos Estreitos quanto queria.

Uma chavena de cacau da

S. I. C.

equivale, como alimento, a 5 chavenas de café!

Além d'isso o cacau beneficia a saude e o café prejudica-a

MAQUINAS DE ESCREVER

NOVAS e usadas. Reparações e reconstrucções garantidas. Accessorios. Quintino Ltd.ª. Tel. N. 4228. CALÇADA DO DUQUE, 3, 1.º (Junto ao Rocio).

Gôta — Reumatismo crónico

Lamas — Duches — Banhos

ESTORIL-TERMAS

CAMBIOS E BOLSA

SAQUES SOBRE O ESTRANGEIRO

Compra e venda ás melhores taxas

EXECUÇÃO DE ORDENS DE BOLSA, TITULOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS

Pancada, Morais & C.ª

Rua Augusta, 37 (esquina da R. de S. Julião)

ENTRE AS CHANCELARIAS

QUEM FOI

O CULPADO DA GUERRA?

A França afirmou claramente os seus propositos pacificos — Resposta de Viviani ao chanceler Wirth

PARIS, 3

A França, respondendo ás declarações do chanceler alemão Wirth, que tenta aliviar a Alemanha das responsabilidades iniciais da grande conflagração, lembra a mensagem de Viviani, então presidente do conselho, enviada ao governo de Petrogrado, a 30 de Julho de 1914: «As entrevistas realizadas com as potencias — dizia a referida mensagem — menos directamente interessadas na questão dos Balkans, permitem esperar ainda que a paz possa ser salvaguardada.

«É ardente desejo da França que as medidas de precaução e defesa que a Russia julga necessario dever tomar não sejam feitas no intuito de desencadear a guerra.

«O governo de Petrogrado deve empregar a maxima conciliação, a fim de se poderem resolver pacificamente as graves questões dos Balkans».

A França, dando provas do seu espirito pacifico, ordenou no dia 30 de Julho que as tropas que se encontravam guardando as suas fronteiras se retirassem, recuando 10 quilometros.

O embaixador de Berlim em Paris, sr. Schöen, telegrafou a 21 de Julho ao seu governo nos seguintes termos: «Segundo o presidente do conselho, sr. Viviani, a melhor maneira de remediar a situação seria proceder a uma pronta acção medianeira sob qualquer forma. O chefe do governo francês não renuncia á esperança de manter a paz, que é tambem desejada sinceramente pela França».

O embaixador alemão enviou ainda um outro telegrama ao seu governo, datado de 1 de Agosto, assim concebido: «Viviani não quere desistir da esperança de salvaguardar a paz». — (L. A.).

Os misterios da Selva

Estreiam-se hoje dois novos episodios no Cinema Condes

Do esplendido e sugestivo *film* de aventuras *Os misterios da selva* estreiam-se hoje na *matinée* elegante do Condes dois novos episodios, o 9.º *Sobre a protecção dos macacos* e o 10.º *A marcha do odio;* ambos eles são interessantissimos e não desmente o sucesso obtido por tão soberbo trabalho cinematografico.

No programa figuram tambem: *Telhados de vidro, Um rapaz endiabrado* e *O Pencudo saloio,* estreando-se na 6.ª feira a extraordinaria comedia de Charlot *Carmen.*

FRANCISCO JOSÉ MACHADO

FALECEU

Margarida Vasques Machado, Francisco Vasques Machado, José Vasques Machado e Margarida Vasques Machado participam aos seus parentes e pessoas de suas relações que foi Deus servido chamar á sua divina presença seu muito querido marido e pai, e que o seu funeral se realisa hoje, 4, pelas 14 horas, saindo o prestito funebre da sua residencia, rua da Junqueira, 188, para o cemiterio oriental.

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

NO SUL E SUESTE

O PESSOAL DAS OFICINAS

DECLAROU A GREVE DE BRAÇOS CAÍDOS

Os descarregadores abandonaram esta manhã o serviço

Estação do Barreiro. Oficinas dos caminhos de ferro do Sul e Sueste. Os ferroviarios discutem animadamente o decreto das subvenções. O descontentamento deu origem á greve de braços caidos, que foi declarada no sabado.

E' o sr. Luiz Soares, tesoureiro do sindicato, quem afirma ao *Diario de Lisboa* que o pessoal das oficinas mantem o proposito de não levantar os braços—é uma força de expressão—emquanto não forem satisfeitas as suas reclamações.

—Não quere dizer que tenham abandonado o trabalho, mas começaram a produzir menos do que habitualmente produzem.

— Nas oficinas — diz-nos o sr. Reis Soares — encontram-se em reparação algumas locomotivas, carruagens, vagons, etc. Ora as reparações que podiam ser feitas em 3 ou 4 horas, demoram um, dois e três dias a fazer. A direcção do sindicato tem empregado todos os esforços para evitar que o movimento tome outro aspecto mais serio.

— Os chefes e inspectores têm conhecimento da greve?

— Sim, senhor.

— E não resolveram nada?

— O engenheiro sr. Mendonça chamou o secretario geral do sindicato e perguntou-lhe o que podia fazer para evitar o movimento.

—E a resposta?

—Um encolher de ombros. Quem pode obrigar o pessoal á trabalhar?

—A que atribui a greve?

—Ao descontentamento produzido pelo decreto das subvenções. Antes desse decreto, os artifices eram equiparados aos escriturarios. Agora não sucede assim. O que lhe posso afirmar é que a direcção do sindicato tem-se empenhado vivamente em acalmar os animos mais exaltados, que constituem a maioria do pessoal.

— Os descarregadores, eventuais declararam tambem a greve?

—Abandonaram o serviço hoje de manhã. Vamos ver se conseguimos solucionar tambem esse conflito, para evitar maiores complicações.

— Quando se realiza a reunião da classe?

— Talvez hoje ou então por toda a semana. Ás 16 horas devemos ter uma conferencia com o engenheiro-chefe dos serviços.

Um chefe de estação, chegado ha dias de Evora, disse-nos:

—Os comerciantes e lavradores de Evora reuniram a semana passada e resolveram telegrafar ao governo e ao director do Sul e Sueste, pedindo-lhe que suprimisse durante alguns dias da semana os comboios de passageiros, para que as maquinas possam ser empregadas em comboios de mercadorias. Devido á falta de transportes, o comercio encontra-se quasi paralisado.

O nosso informador acrescenta:

—Dentro em pouco, a gréve do pessoal das oficinas vai reflectir-se nos comboios de passageiros. Quem sofre é o publico...

***

Os carregadores eventuais declararam a greve em sinal de protesto contra o contracto a que queriam obrigá-los, ou seja carregar e descarregar uma tonelada por dia com o vencimento de 2$60. O trabalho prolonga-se muitas vezes das 7 ás 2 da madrugada, ao passo que os carregadores do quadro trabalham 8 horas por dia e recebem 8$80, com horas extraordinarias pagas a dobrar.

Os grevistas reclamam as mesmas regalias dos seus camaradas e nomearam já uma comissão para se avistar com o engenheiro-chefe dos serviços.

Linfatismo - Doenças de pele - Banhos cloretados
ESTORIL-TERMAS

A PRAÇA DA FIGUEIRA

QUEM COMPRA E QUEM VENDE

Aspectos que se surpreendem e manobras que se revelam

A mercancia dos generos na Praça da Figueira tem aspectos curiosissimos; grupos que compram em atitudes heroicas, fechando os olhos, num arrepio de mêdo, como não querendo vêr o sacrificio que fazem.

A Praça tem de tudo. Desde o nabo ao cebolinho louro, passando pelo tomate carmezim, até á enguia reboluda e á sarda escalada á moda do Porto.

Ha ruas que são escalas musicais, onde as vozes das vendedeiras ensaiam côros de preços fabulosos.

Quem entra e vai perpassando pelos logares, ao fim de certo tempo repara que, cada passo que dá, quando devia ser o contrario, lhe custa um tostão, senão dois, senão três.

E ainda são as cifras mais pequenas, mais infantis. Quasi sempre ha zeros á direita do numero...

Porquê? Eu vou dizer. Naquela judiaria gulosa de ouro, cheia de ouro, a primeira vendedeira que se encontra na extremidade das ruas, ou seja a rua dos verdes, ou a rua dos prateados, ou a rua do açafrão, isto é, hortaliças, peixe e fruta, põe o genero em preço rasoavel, para que a criada ou a patrôa despejem logo ali o dinheirinho. Se elas não a detêm, as outras deitam-lhe as mãos e, *minha riquinha saude*, para aqui, *por estes olhos que a terra ha de comer*, para acolá, elas juram e trejuram que até perdem.

E que é só para se estreiarem que vendem por aquele preço.

As dez ruas da Praça da Figueira têm assim as suas escalas. Quanto mais se caminha para o centro, para a encruzilhada, a escala do preço vai subindo, subindo e lá então deixa-se tudo: couro e cabelo.

A Praça da Figueira tem a sua elegancia. Elegancia sadia, fresca, lavadinha com agua fria e quasi sem pó de arroz. Ha criadas que morrem por ir á Praça.

A mulher pobre, essa, odeia-a. A Praça da Figueira é para ela uma Bolsa. Ali ha ouro, ha dollars, ha liras, ha pesetas, ha yens, toda a moeda que nos bancos, mexida e atirada e apanhada por dedos espertos, multiplica o valor. A mulher pobre nunca lê a secçãosinha dos cambios, pequenina, quatro dedos de altura, mas que é a grande roda de tudo isto, sempre a moer, a moer. O agio do ouro não lhe importa.

O seu cambio está aqui na diferença que faz o preço de uma couve de ontem para hoje, de esta manhã para este meio dia.

Perde-se a pobre mulher neste rodopio vertiginoso e constante de cifras que lhe imprensam a carne, sugam-lhe o sangue. Nos balcões de pedra só tilinta ouro, só se ouve e vê ouro. Ha contos de réis em dois metros de couves e nabos. Dezenas de milhares de escudos em cada centimetro quadrado dos taboleiros do peixe.

Os vendedores ambulantes, aqueles que não têm impostos a pagar, que não têm lugares, porque todos os lugares são deles contanto que os seus pés se firmem no cimento da Praça, embaralhando os que passam — os vendedores ambulantes, que andam com galinhas no regaço, enriquecem facilmente. Ninguem repara neles, nem as colegas, com toldo e balcão de pedra, as aristocraticas novas Vicencias dos pecegos, com chalets a construirem nos suburbios em mau português regional.

Esses vendedores de galinhas entram por uma porta, saiem por outra, mercancia já feita.

Dez mil réis! Doze mil réis! Oito, este frango.

E, como numa magica, cada mariola destes, em dois quartos de hora, faz um ordenado de director geral.

E cai aqui muito bem este citado director geral. Ouvi ha dias um empregado publico falar-me pouco mais ou menos assim;

—As subvenções! Ora adeus! Para que servem! O dinheirinho não é para nós; é para os merceeiros. Vai todo, intacto, preciso, sem uma falha. Quem nos faz mal são os jornais. Um primeiro oficial tanto... Soliloquio mercieiral: assucar tanto.

Ha dialogos precisos e sobrios que se fixam logo, nas dez ruas da Praça:

—Três lulas: cinco mil réis.

—Compre hortaliça, menina, Ainda está baratinha.

—Estes nabos?

São cinco magrinhos e palidos. A mulher do lugar:

—Dez tostões.

—O quê!?

Imperturbavel:

—Não os leva por menos.

Eu fico admirado como numa terra destas, recortada de courelas e leiras, canavouras e quintalejos, onde o nabo brota virente a sua rama, se chega a desfaçatez de impelir o seu preço a alturas tais que produzem vertigens. Mas é tudo assim. A uva, da rafeira, a nove tostões; a banana, a dois mil réis; o tuberculo saboroso, fiel amigo do povo e do bacalhau, sete tostões; uma pescada gorda de vento, quinze mil réis.

Este preço excita a revolta. Uma bicha de operarios e mulheres do povo passa com uma onda de revolta.

— Onde nós chegámos!

O cebolinho de bolbo escamudo, quem o quere, dá cinco tostões. E é ou pegar ou largar. Grelos, em *bouquet*, mais caros que orchideas.

E é assim um desfilar pavoroso, que cria revolta no amago das gentes. Não ha remedio. Não se come ar e tem que se encher o estomago de alguma coisa.

Mas aonde os preços zunem, soltados por labios altivos, desdenhosos, como descargas de artilharia a pôr mudos desesperos em olhitos tristes, é na rua do peixe.

Se aqui pedem dez tostões por duas sardas escaladas, além um peixe espada miudinho e debil custa dez mil reis; mais adiante duas postinhas de pescada, delgadinhas e moles, valem artificiosamente quinze tostões. Pômos de lado os pontos de exclamação. Coloquem-nos os leitores na devida altura, dia a dia, hora a hora, minuto a minuto, porque não ha tabelas e o roubo é descarado.

Não é só aqui nesta Praça da Figueira que a vida está pela garganta. Ide á mercearia. O dono, que é um distinto membro de freguesia, nos explicará porque artes consegue vender um quilo de bacalhau por seis escudos, quando, seis dias antes, o mesmissimo bacalhau, muito melhor, porque era menos podre, custava o maximo de quatro.

Mais preços! Para quê? Quem me diz a mim que a esta hora, uma linda nereide da Praça entre sardinhas, não as estará vendendo dez vezes mais caras que esta manhã?

Um novo "complot" contra o governo dos "soviets"

MOSCOU, 3.

O governo dos soviets descobriu um grande «complot» anti-bolchevista, tendo sido presos 45 conspiradores,—(Diboa).

Lei do inquilinato

Consultas e todos os assuntos de advocacia com rapidez e economia.

Rua Garrett, 80, 2.º (Chiado). — Telef. C, 5356.

Colegio Calipolense

Está aberta a matriola neste colegio para todas as classes, tanto de alunos internos como externos.

Todas as aulas reabrem no dia 9 de Outubro.—R. Eduardo Coelho, 66 (á Praça do Rio de Janeiro)—LISBOA.—Telef. N. 4199.

O director e proprietario.—*Fernandes Agudo.*

Limpeza e conservação do calçado obtem-se uzando o CREME CRISTALINO

Sapataria Contente, L.da

74, RUA DO CARMO, 74

O 5 DE OUTUBRO

O CHEFE DO DISTRITO

DISTRIBUE 15 CONTOS AOS POBRES DE LISBOA

A comissão promotora dos festejos ainda não reuniu

Estava marcada para as 16 horas de hoje uma reunião da comissão dos festejos do aniversario da Republica, no gabinete do sr. governador civil.

Até á hora em que escrevemos, a comissão ainda não reuniu, sendo para lamentar que só á ultima hora se tenham lembrado de organizar o programa das festas.

O chefe do distrito, que se encontra doente, esteve trabalhando sobre o sssunto, resolvendo contribuir do cofre de beneficencia do Governo Civil com a quantia de 15.000 escudos para os pobres da capital, esmolas que serão distribuidas pelas juntas de freguezia e pelos jornais sem distinção politica.

Congresso ribatejano

Por coincidir com a chegada do Chefe do Estado e as festas de cinco de outubro, foi adiado para o mês de maio do ano proximo o Congresso ribatejano, que se devia realizar na primeira quinzena deste mez.

Funcionarios para o ultramar

O sr. ministro das Colonias está no proposito de não fazer quaisquer nomeações de pessoal para as possessões ultramarinas desde que não sejam requisitadas pelos respectivos governadores e devidamente fundamentada. Esta deliberação do ministro é baseada no facto de se estar procedendo á reorganização dos quadros do funcionalismo colonial.

Os assassinos de Rathenau serão julgados hoje

BERLIM, 3

Os assassinos de Rathenau serão julgados hoje no tribunal de Leipzig.—(Diboa).

MISSA

José Guilherme Perry Vidal de Allen

Sua familia manda rezar uma missa, ámanhã, 4, ás 12 horas, na Igreja da Encarnação.